

# Educação e espiritualidade em diálogo com Delfim Santos

9

Manuel Guedes da Silva Miranda

Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Filosofia de Braga  
(Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos).

# NABSTRACTRESUMORESUMENABSTRAC

**resumo** Em diálogo com Delfim Santos, como prenúncio do novo milénio, e como razão e intencionalidade do tema, uma tentativa para a recriação da sua mensagem, na conotação: Educação, e Espiritualidade. Por Educação entendemos "a formação do homem como homem" - o problema mais urgente e actual; a missão da escola e do educador: educação, profissão e colocação; o homem como ser concreto, unitário e existencial: a pessoa; a educação como realização humana: totalidade, liberdade, stress e angústia; o espírito: "lei imanentista e totalista" do homem - o seu verdadeiro fundamento e sentido. Por Espiritualidade, compreendemos a educação em função do espírito; o espírito: mistério e chave da existência e da realidade; escolaridade e educação - a escola e a universidade: actualidade e premência da Mensagem do Mestre.

**Palavras-chave: educação; espiritualidade; universidade.**

**abstract** In dialogue with Delfim Santos, heralded the new millennium, and as reason and intention of the topic, an attempt to recreate his message, through the connotation: Education and Spirituality. For Education we understand "the development of man as man" - the most pressing problem and current, the mission of the school and teacher education, profession and place: the man as a concrete, unitary and existential one; education as achievement for the human: totality, freedom, stress and anxiety, the spirit,, "immanent law and total" of man - the real foundation and direction. By spirituality, we understand the education in relation to the spirit, the spirit as key mystery of existence and reality, schooling and education - school and university: timeliness and urgency of the message of the Master.

**Keywords: education; spirituality; university.**

**resumen** En diálogo con Delfim Santos, anunció el nuevo milenio, y como la razón y la intención del tema, un intento de recrear su mensaje, la connotación: la educación y la espiritualidad. Educación para comprender "el desarrollo del hombre como hombre" - el problema más urgente y actual, la misión de la escuela y la formación del profesorado, profesión y lugar: el hombre como una forma concreta, única y existencial uno, la educación y el logro humanos: todos, la libertad, el estrés y la ansiedad, el espíritu, el "derecho inmanente y total" del hombre - el fundamento real y la dirección. Por la espiritualidad, entendemos que la educación en relación en relación con el espíritu, el espíritu y el misterio clave de la existencia y la realidad, la escolarización y la educación la escuela y la universidad: la oportunidad y la urgencia del mensaje del Maestro.

**Palabras clave: educación; espiritualidad; universidad.**

## Razão e intencionalidade do Tema

É no âmbito da Educação e da Espiritualidade que pretendemos situar-nos, tematicamente. E a nossa opção torna-se-nos tanto mais agradável porque o faremos, exactamente, em diálogo com alguém que consideramos, com verdade, no contexto do pensamento português, europeu e contemporâneo, e como prenúncio do novo milénio, um dos nossos mestres incontornáveis: Delfim Pinto dos Santos. Notadamente, o pensamento das Dissertações Fundamental e Complementar de Doutoramento, intituladas *Delfim Santos – A Metafísica como Filosofia Fundamental e Metafísica e Educação em Delfim Santos*, tendo sido a primeira publicada, no seu texto integral e sob o mesmo título, pela Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Ministério da Ciência e do Ensino Superior, Lisboa, em abril de 2003.

Desta forma, e em diálogo com o Mestre, pertinentemente sobre a recente celebração do I Centenário do seu Nascimento (vindo a falecer em Lisboa em 1966, Delfim Santos nasce no Porto em 1907), a temática pela qual optamos é, então, Educação e Espiritualidade / Em diálogo com Delfim Santos.

## Educação

Começando por considerar “a educação como fenómeno primeiro da vida humana” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p.285), considera-a, também, Delfim Santos, como fenómeno de todos o mais geral, englobante e radical” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p.282). E, deste modo, e também nas suas palavras, “eis encontrada a fórmula que melhor poderá exprimir as intenções últimas do que podemos entender por educação”: A “formação do homem como homem” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p.283).

Neste sentido, e posicionando-se face ao seu tempo escreve, num artigo que publica em 1958 e que intitula *Instrução e Educação*: “Vai-se radicando na consciência dos homens responsáveis a convicção de que o problema mais urgente e mais importante para a ordenação social de um povo, é a educação” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p.229). E, daqui, sobrelevar, como fundamental, dada a magnitude da sua importância, bem compreender “a missão do Educador” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p.230).

Assim, e em *Temática da Formação Humana*, escreverá em 1961: “A Educação, como orientação a realizar pela Escola, é o problema máximo a resolver nos nossos tempos. A escola tradicional não serve nem a formação humana do homem, nem a sua formação profissional, porque lhe falta ou perdeu, ao longo dos séculos, o interesse da descoberta, orientação e colocação dos respectivos escolares” (OBRAS

COMPLETAS, 1977, p.256). E, desta forma, e com coerência, quer no sentido da vida, quer no sentido da existência.

No sentido da vida, visando “A organização do trabalho, ao serviço da educação e nobilitação do homem”, como pretendeu Pestalozzi – nas palavras de Delfim Santos –, em seu artigo de 1946, *A Lição de Pestalozzi* (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 501-517). No sentido da existência, enquanto considera que “É o homem vivo e ‘em trânsito’ que o pedagogo [sempre] encontra diante de si”, como considera, também, que enquanto “processo existencial”, não só “A fundamentação existencial da pedagogia radical (...) na compreensão temporal da existência humana”, como, e no mesmo sentido, “O homem não aprende apenas para viver, mas para existir, e existir não é apenas viver” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 53). A vida é condição primordial e não valor último. Vive-se sempre para algo mais importante do que a própria vida” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 65).

Realmente, o fundo sentido do acto pedagógico pode caracterizar-se desta maneira: clarificação do trânsito do estar-no-mundo, como situação original, para o estar-no-mundo-para-alguma coisa” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 54). Tanto quanto, há que pensar: “o homem está apenas uma vez na terra, uma única vez” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 409). E daí, o imperativo da “análise ou hermenêutica da existência humana, do mistério do existir, diferente do acto de viver (...)” (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 170). Desta forma, e face ao problema da Educação em Delfim Santos, deparam-se-nos duas questões, de facto e de si tão específicas, quanto indissociáveis: Quem é o homem? E que educação, afinal?

## Quem é o homem?

Considerando, o Mestre, de acordo com “a nova antropologia filosófica” [na sua expressão], que “O homem realiza a unidade na multiplicidade dos ingredientes do universo” (OBRAS COMPLETAS, 1982, p. 361), considera, também, que “esta unidade tem um sentido especial”. É que “o homem não pode ser reduzido a nenhum dos elementos que o compõem”. Ele “é portador de algo inconfundível no universo, de algo de natureza ética absolutamente intransferível: a pessoa” (OBRAS COMPLETAS, 1982, p. 361). Por isso, quer sistemática, quer transistematicamente, o seu lugar e papel no Universo tem sido, como sempre será, inconfundível! Na sua totalidade, pensa Delfim Santos, “o homem é [de facto] uma tetralogia nos seus elementos constituintes e na sua conformação como homem” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 399). E se, assim, ontológica e fenomenologicamente, assim, axiologicamente. Com efeito, se, por um lado, “não é apenas alma e corpo, (...) [mas] também vida e espírito” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 399), por outro, “Quer a personalidade, quer [correlativamente] a cultura,

são fenômenos orientados pela própria assimilação de valores”, cuja preponderância mostra, distintivamente, uma época ou uma geração” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 404-405), como, em simultâneo, considerando a própria tipologia das personalidades, enquanto sempre específicas e diferenciadas, a todas não deixa de ser comum: o sentido dos valores (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 404-405).

Por isso, e como afirma, “Parece, portanto, existir, além da razão e da sensibilidade, mais alguma coisa no homem, voltada para a compreensão dos valores” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 405). E, na sua convicção, “o orgânico e o psíquico não esgotam, ainda, as manifestações do homem enquanto homem. Ele é portador de qualquer coisa nova no reino animal, que do animal o separa radicalmente e que, com maior ou menor precisão, se chama espírito” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 401). O espírito [que Delfim Santos entende] como conformador da pessoa, [que] cria um mundo para si e [que, como tal,] só se manifesta em liberdade” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 401). Em todo o caso, se, enquanto homem, assim “realiza a unidade na multiplicidade dos [respectivos] ingredientes” (OBRAS COMPLETAS, 1982, p. 361), pelo que, e como tal, lhe compete estabelecer a mediação e o sentido do universo inteiro, também, enquanto homem, mistério aos seus próprias olhos – “o mistério da existência humana” (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 167) –, pode chegar a sentir e a viver a angústia que assim, sempre e em última análise, o especifica e define, como, inclusive, e então, o poderá libertar! Angústia que Delfim Santos contrapõe ao *Stress*, definindo-a como: “A característica determinante da sua humanidade”, no “jogo perene entre a vida e a existência” (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 164), “dom precioso da consciência de si e da liberdade, fundamento da existência” (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 165), via capaz de “tornar o homem verdadeiramente humano, na plenitude da sua existência possível” (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 165) – ao ponto de chegar a afirmar, com E. Gilson que, “se há divino no mundo (...) é no acto de existir, e não na actualização do pensamento conceptual, que ele misteriosamente se encontra” (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 171).

### Que educação, afinal?

Com toda a clareza, e na mensagem do Mestre, o que devemos entender por educação, é, pois, enquanto “fenômeno de todos o mais geral, englobante e radical”: a “formação do homem como homem” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 283). E se, por conseguinte, deverá ser, em função do homem, especificamente, da sua formação humana (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 143; 1977, p.283), tanto quanto da sua formação integral, que a educação deve entender-se, será, fundamental e verdadeiramente, no sentido da sua totalidade de compre-



1.

Angústia, que o mestre conota, assim, à Ironia, no sentido (...) que poderia bem relacionar-se com o que Unamuno chama 'sentimento trágico da vida' (...) forma por excelência de libertação (...) sentimento de possibilidade em frente à realidade, que nos dá a certeza de que é ainda e sempre possível inserir algo de novo, no já feito e no já velho. [Pelo que] Não é na dúvida que a ironia radica, mas na certeza de que tudo é apenas amostra provisória e sem valor definitivo, e que ao homem compete tentar o melhoramento de tudo que o cerca e dele mesmo" ("O Valor da Ironia", III, 353).

ensão, vivência e destino, que ela deverá, efectivamente, ter lugar, enquanto "fenómeno primeiro da vida humana" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 285).

À partida, e já no seu todo concreto humano, como existente, é o homem, para Delfim Santos, uma totalidade unitária, como já nos foi dado ver, na conotação dos respectivos estratos e valores (OBRAS COMPLETAS, 1982, p. 361; 1977, p.406-407), pelo que, e nesse sentido, deverá começar por ser compreendido e respeitado, na sua personalidade, sempre única e intransferível. Por isso mesmo é que, previamente à orientação e à colocação dos nossos escolares, se impõe, de todo, a sua descoberta, no sentido do seu tipo humano próprio, pela salvaguarda da "diferenciação e do respeito pela personalidade" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 256).

E se, assim, coerentemente, no sentido da orientação e escolha da profissão, como do estado de vida, assim, primordialmente e em última análise, no sentido do seu ideal existencial ou da sua realização humana total e totalizante: o seu próprio "destino" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 497). Mediunicamente, em função da Educação, como, necessária e coerentemente, então, da Espiritualidade.

## Espiritualidade

Considerando o exposto, se, no contexto do homem, e, assim, ontológica, como antropológica e axiologicamente, o espírito é, no universo, a lei e o coroamento da vida e da existência – "lei imanentista e totalista", na expressão do Mestre (OBRAS COMPLETAS, 1982, p. 22) –, em função, afinal, dos múltiplos modos ou regiões existenciais, é, da mesma forma, a mediação única da realidade e de si, como do próprio homem, tanto quanto, por isso mesmo, fundamento e sentido, afinal, da educação, no seu papel, como no seu mais autêntico significado.

Neste entendimento, escreve Delfim Santos em 1947 e no seu artigo *Educação e Espírito*: "Sem educação, o homem jamais conseguiria vislumbrar, sequer, o sentido profundo do mistério da existência" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 147). No entanto e se, deste modo, enquanto "não entrega à natureza, mas conquista do "espírito objectivo", assim, também, enquanto, apenas este (o espírito) "lhe dará a plenitude da sua situação" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 147). E escreve ainda: "Mas não é o espírito já fixado nas diferentes formas de actualização, convenientemente submerso em definitivo, que verdadeiramente lhe interessa ou satisfaz, porque a característica própria, sua, é insatisfação, é ânsia de novo, é aventura sem fim, é perigo sem remédio, é angústia sem temor" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 148)<sup>1</sup>.

Pelo que, e deste modo, admite e exige no mesmo contexto: "O nível próprio do homem é o do enigma, mas só o espírito lhe possi-

2.

Com efeito, e como também afirma em carta a Eduardo Moreira, já em 1938: “O espírito sopra onde quer é para mim a mais profunda verdade que a pedagogia pode admitir” (IV, 205). Neste sentido, há uma máxima que Delfim Santos sempre tem presente ao longo da vida: “Há coisas que dependem do homem e coisas de que o homem depende, aprendeu Pascal em Epicteto, que, com Montaigne, constituía a leitura preferida, como sabemos, pela sua conversação com De Sacy” (II, 205).

3.

“E, quando possível, a educação conduz o homem aos mais extraordinários píncaros e majestosas formas para seu assombro e surpresa, orgulho e alegria dignificantes: o santo, o filósofo, o artista, que, segundo Nietzsche, são o mais alto que os homens, no seu permanente esforço ascensional, podem atingir...” (1977, p. 148).

bilita a decifração, enquanto se oculta como mistério”. Se bem que, e em última análise, “Tudo (...) [seja, também,] enigma do mistério do espírito”, que “sopra de onde quer e não se sabe para onde”. Com efeito, “É esta a sua grandeza, é esta a sua fraqueza, é esta a sua missão” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 148)<sup>2</sup>.

Desta forma, em qualquer circunstância, e como escreve em *Cultura como Autenticidade*, nem tudo depende (...) do homem. Há algo – tão obscuro e inominado que isso possa ser – de que o homem é dependente, que surge com inteira independência do seu querer e o leva para onde ele não sabe” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 358). A tal nível – o do mistério, afinal! –, educação e espírito tornam-se, indefectivelmente, Indissociáveis. Nas palavras do Mestre, “Educação e espírito são o princípio e o fim do homem. Educação sem espírito é mecânico adestramento; espírito sem educação é fogo de artifício fugazmente a iluminar a escuridão que permanece” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 148).

Em todo o caso, se, sempre e afinal, em ordem ao homem, a educação se opera, sempre e apenas, na incidência do espírito, pode ela tomar, existencial, como realmente, fundamento e sentido: visando à formação do homem, na sua conotação, por conseguinte, à Educação e à Espiritualidade. E, nesta leitura, se distingue, Delfim Santos, Escola e Educação, distingue, em simultâneo, Escola e Universidade.

## Escola e Educação

Para o Mestre, se a Escola, no sentido da orientação para a vida, “é um artifício e serve, praticamente, para preparar o homem competente nos serviços que a sociedade lhe vai requerer ou exigir” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 147), se bem que, na salvaguarda do seu tipo próprio, vocação e reais capacidades, a educação vai, necessariamente, para além disso, ultrapassando, de todo, o risco de uma escolaridade que Delfim Santos refere como “sinónimo deficiente de educação” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 147).

Visando, em alternativa ao pedagogo e ao instrutor, o educador, pela relação, então, autêntica, de mestre-discípulo (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 229), atribui à educação, nas suas palavras: “o sentido vasto de convivência, de inquirição, de espontânea e contínua atenção, de descoberta imaginativa, de mítica ou poética explicação, de sonho e de revolta, de vergonha sentida e de escândalo sofrido, ante tudo e nada, ante os outros e nós próprios, que [como tal], já caracteriza a adolescência, período por excelência formativo do futuro homem” (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 147)<sup>3</sup>. Assim, e no sentido educacional, o “programa (...) [será, então,] a vida, os mestres todos e ninguém, a aula, o imundo e o sublime, a lição, o ódio criminoso e o amor piedoso (...), o espectáculo do mundo que a todos oferece”.

4.

Tanto quanto, em última análise, como chega a escrever em "Sentido e Valor da Cultura" (Inédito não datado): "espírito, cultura, sentido e valor são o mesmo" (1977, p. 519). E garante, com convicção: "É este o problema máximo da filosofia ocidental, e especialmente da filosofia oriental, que a este mesmo problema deu um nome sem relação com qualquer dos propostos. Confúcio chamou-lhe 'tao'" (1977, p. 519).

5.

O fascínio do Mestre pela procura, entendimento e vivência do espírito é tão grande, que, já em 1938, em carta a Eduardo Moreira, apelando à edição bilingue - grego e latim - do evangelho de Mateus, rejeita a expressão da primeira das bem-aventuranças "pobres de espírito", considerando que, em conformidade com o original grego, deveria traduzir-se por "pedintes (os que pedem) ao espírito". E acrescenta: "A tradução latina, pois, em vez de pauperes deveria ter usado orantes (...). E, em sentido figurado mais próximo, poder-se-ia traduzir por (...) os 'submissos' (humildes) ao espírito. E isto é muito diferente da tão apregoada pobreza de espírito de que se acusam os cristãos" (IV, 247). Inclusive, e também em carta a Eduardo Moreira,

Enfim, "Educação, neste sentido, prepara para a humanidade, para a compreensão, para o espírito" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 147).

Desta forma, e aproximando os recursos de linguagem que nos ocorrem de Edgar Morin e de Roger Garaudy, será caso para considerar, que, enquanto a escola tradicional, o que consegue, enfim, é a desordem pela ordem, e nessa proporção (!), a escola educacional, bem ao contrário, será, mesmo, na expectativa do Mestre... a Escola da ordem pela desordem, se bem que, no vislumbre, então, de uma ordem: Outra! Em todo o caso, aqui, e apenas por aqui, sempre, a Escola como a Escolaridade podem, de facto, colher sentido e arrear fundamento.

Neste contexto e como propõe "a própria filosofia, a arte e a religião, que são meios de esclarecimento para mais funda compreensão do destino do homem" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 497)<sup>4</sup>, afiançariam, de todo, outra receptividade e outro empenho, enquanto, "de início e de fim, propósitos de 'condução' do homem a visionar horizontes, para além ou aquém de si, convite premente à conquista prometeica do fogo dos deuses, isto é, do espírito, para com ele se refazer em correcção de epimeteica caricatura que ele representa na natureza" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 147)<sup>5</sup>.

## Escola e Universidade

E, nesta hermenêutica, fundamentalmente, portanto, a do espírito, a feliz distinção que o Mestre estabelece, também, entre, por um lado, a Escola e a Educação e, pelo outro, a Escola e a Universidade. Naquela, se bem que sempre, curiosa e criticamente, se aprende, em função do que já se sabe, e do que assim se nos apresenta, proximamente, como mais útil, como, nesta, em função do que ainda se não sabe, assim se nos afigurando, desde logo, como mais gratuito, se bem que, no entanto, também, o mais promissor – ao fim e ao cabo, "o saber do não-saber" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 9-10; 1982, p.226).

Perfilhando que, na Universidade – de que há a esperar, "sobretudo, uma missão inovadora", quanto "humanizante" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 205-206) –, constitui "o que mais importa: o afinamento da vocação, a formação da personalidade e a compreensão da ética profissional do universitário" (OBRAS COMPLETAS, 1977, p. 8), também, ali, e a todos os títulos, já não deverá haver, de todo, lugar para escolares, mas para estudantes – coerentemente, então, bem mais os mestres do que os discípulos...

Em *Linha Geral da Nova Universidade*, escrevia, em 1934, quando ainda estagiário do Ensino Liceal: "Esta [a Nova Universidade] não terá por fim fornecer, a uma classe, instrumentos de domínio sobre as outras. Terá como finalidade ser um órgão propulsor da cultura e acção social (...). Não à margem da vida, mas dentro da vida; não



ainda em 1938, anota: “E, a propósito do grego, tropecei em Mateus 6,11, com o ‘epiousion’ que foi bem traduzido para latim por ‘supersubstantialem’ mas que, se bem me lembro, não aparece na tradução portuguesa. E a diferença é notável: trata-se de dois mundos que o Evangelho revela e que na tradução aparecem reduzidos a um só e neste caso àquele que para o cristianismo tem menos interesse. Já pensou nisto?” (IV, 251). Delfim Santos refere-se à expressão “O pão nosso de cada dia nos dai hoje” da oração evangélica O “Pai nosso” (Mateus 6, 9 – 13 (11) que assim aparece no comum das Bíblias, inclusive a Bíblia de Jerusalém, mas que na Vulgata surge “Panem nostrum supersubstantialem da nobis hodie”. No entanto, e já agora, apraz-nos salientar que em “O Novo Testamento de N.S.J.C., traduzido em português segundo a Vulgata Latina por António Pereira de Figueiredo da Edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarca Arcebispo Eleito de Lisboa”, a expressão revela-se-nos desta forma: “O pão nosso, que é sobre toda a substância, nos dá hoje” [O texto de que nos servimos data de “1921/ Depósito das Escripturas Sagradas/ Praça de Luiz de Camões, 20/Lisboa”]. De resto, se “A Bíblia de Jerusalém/ Nona Edição, revista/ Edições Paulinas” se limita a apresentar,

(...) fechada, mas aberta a todas as influências (...). Não uma Universidade neutra (...). A Universidade terá de ser um organismo vivo e, portanto, dirigida, intencionalmente, para uma finalidade humanista” (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 379)<sup>6</sup>.

Neste entendimento e propósito, e no seu “esboço de plano para a nova Universidade”, se projecta, basicamente, três faculdades (Filosofia, Ciências e Letras), atribuindo à “1ª Faculdade – Filosofia”, “quatro grupos ou licenciaturas: a) Filosofia; b) Pedagogia; c) Política e economia; d) História: “começa, pois, por associar, de imediato, à Filosofia, a Pedagogia (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 383)<sup>7</sup>. De resto, mesmo para “qualquer das carreiras técnicas exigir-se-ia a frequência preliminar, na Universidade, da cadeira de filosofia (...)” (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 382). Em todo o caso, o Mestre é apodíctico: “A nova Universidade será uma escola de trabalho e terá como únicos meios de selecção aqueles que ponham à prova, não o peso dum saber morto, mas o espírito de iniciativa, de crítica, curiosidade e inquietação pelos problemas do espírito” (OBRAS COMPLETAS, 1973, p. 389).

## Reconhecimento e Homenagem

Para finalizar, resta-nos agradecer a singular oportunidade que também, assim, nos foi concedida de podermos contribuir para fazer chegar de novo à América Latina e, desta vez, ao Brasil, significativamente à Bahia<sup>8</sup>, o nome e a mensagem de alguém – o Prof. Doutor Delfim Pinto dos Santos –, que os ventos da História têm vindo a consagrar como pensador e mestre, crescentemente redívivo, face, inclusive, ao impacto crescente da Globalização.

apenas, a expressão comum, como acima referimos - "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje" -, não deixa de anotar a propósito e com realce: " - Os Padres da Igreja aplicaram esse texto à nutrição da fé: o pão da palavra de Deus e o pão eucarístico (cf. Jo 6,22 + [ (...) ] 26 Respondeu-lhes Jesus: 'Em verdade, em verdade, vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes. Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece até à vida eterna, alimento que o filho do Homem vos dará, pois Deus, o Pai, o marcou com o seu selo""])

6. E se, assim, enquanto "a educação é, pois, sempre uma actividade em função de valores", assim, também, enquanto é sempre, "a cultura (...) um processo da valorização do humano, isto é, mais de formação de carácter do que de transmissão de saber" (1977, p. 407). "Não há cultura, portanto, sem um certo conceito de humanismo que lhe sirva de suporte, e uma cultura que não tenha uma ideia de humanismo a propor é uma cultura sem fundamento e, como tal, indigna de se lhe chamar cultura" (1977, p. 407).

7. Em relação à Filosofia e ao seu estatuto, na "Nova Universidade", Delfim Santos é bem explícito:

"Demorar-nos-emos a traçar, com certa minúcia, o plano especial da Faculdade de Filosofia, escola que, para quem tiver cultura actualizada e perfeita intuição da vida espiritual, deverá ser a alma da Universidade" (1973, p. 380). Sobre o papel e importância da Pedagogia, escreve em "Formação de Professores" (sua conferência de Março de 1959, no Liceu Normal de Pedro Nunes em Lisboa): "Trata-se de uma ciência radical, da base de todas as ciências e de que todas as ciências são oriundas na especialização do acto de aprendizagem. Não esqueçamos isto que é o mais importante: o que distingue o homem como homem é a sua capacidade

de aprendizagem, pois, se não pode aprender, assimilar a experiência de outrem em função da sua própria, não será nunca verdadeiramente homem" (1977, p. 182-183). E assim, conotando a pedagogia à educação, como a teologia à religião, chega a afirmar: "A pedagogia é saber estruturado sob a forma de ciência do que como fenómeno primário chamamos educação, do mesmo modo que teologia é saber estruturado sob a forma de ciência do que também como fenómeno primário chamamos religião" (1977, p. 281-282).

8. Faz todo o sentido recordarmos, pela conotação, inclusive, ao I Centenário do Nascimento do Pensador e

## Referências

COELHO, Joaquim do Prado. Traços Biográficos de Delfim Santos e Nota Preliminar. In **Obras Completas de Delfim Santos**, Vol. I *Da Filosofia* (Introdução). Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

GANHO, Maria de Lourdes Sirgado. Santos (Delfim). In: **Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia**. Lisboa: Editorial Verbo, 1974. Vol. 4/ Pe – S, pp. 914-916.

MIRANDA, Manuel Guedes da Silva. Delfim Santos: o Homem, a Época e a Obra. In: COELHO, Joaquim do Prado. **Obras Completas de Delfim Santos**. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. (p. 15-148).

OBRAS COMPLETAS DE DELFIM SANTOS. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. Vol. I *Da Filosofia*, Lisboa, 1982; Vol. II *Da Filosofia/Do Homem*, Lisboa, 1973; Vol. III *Do Homem/Da Cultura*, Lisboa, 1977; Vol. IV *Correspondência*.

TEIXEIRA, A Braz. Santos (Delfim Pinto dos). In: **Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura**, Lisboa: Editorial Verbo, 1974. Vol. 16/ *Redenção-Sezures*, pp. 1347-1348.

---

do Mestre, ter sido a Universidade da Bahia a convidar Delfim Santos, em 1957 – se bem que declinasse o convite, pois já era ao tempo Catedrático de Pedagogia da Universidade de Lisboa e o único em Portugal –, para reger um curso de Filosofia. No entanto, o Brasil já o tinha recebido, quer em 1950, como participante do I Congresso Brasileiro de Filosofia, em São Paulo, quer em 1954, no Congresso Internacional de Filosofia, também em São Paulo, como antes, ainda, a Argentina o recebera, no seu I Congresso Nacional de Filosofia, em Mendoza, em 1949, concedendo-lhe, muito significativamente, nessa mesma altura, a elevada honra de o nomear “membro honorário de todas as suas Universidades”.

---